

## Mulher-Gato: O Feminismo e o Fetichismo por detrás da Máscara

Igor Nilton de Araujo Rodrigues<sup>1</sup>

As histórias em quadrinhos, ou simplesmente as HQs, são uma expressão cultural da sociedade moderna, apresentando-se numa diversidade de tipos, gêneros, traços, personagens, tramas e contextos, muitas vezes difíceis de rotular e classificar. Em 1940, Bill Finger e Bob Kane criaram uma das mais bem sucedidas personagens femininas. A Mulher-Gato (em inglês *Catwoman*). Sua primeira aparição não ocorreu em uma revista própria, mas sim em uma participação na coletânea de gibis do personagem *Batman*. O objetivo deste trabalho é analisar, por meio das configurações da personagem *Catwoman*, aspectos que condizem com o movimento feminista, e também características que vão contra os ideais do mesmo. Para isso serão consideradas fases do desenvolvimento da personagem que, desde os anos 40 até os dias atuais, é de grande impacto no mundo dos quadrinhos. Em primeiro momento será analisado o contexto sócio-cultural de sua primeira aparição nos *comic-books*, em seguida serão considerados aspectos da personagem que a caracterizam como uma figura fora dos padrões femininos normativos da época até os dias atuais, principalmente no que diz respeito à forma de agir e pensar da Vilã/Heroína. Para finalizar, será feita uma análise crítica do paralelo entre feminismo e fetichismo da personagem a fim de verificar se há, de fato, alguma ligação entre a personagem e o Movimento.

Em sua primeira aparição, a personagem era conhecida apenas como A Gata (*The Cat*). Com o sucesso repentino e inesperado, *The Cat* tornou-se *Catwoman* - uma mulher enigmática de vida dupla. Em uma ela é Selina Kyle, uma *socialite* com um passado misterioso que constantemente está em dúvida sobre suas escolhas. Em outra ela é a Mulher-Gato, uma mulher corajosa, ambiciosa, dominadora, *sexy* e bastante dinâmica. O impacto da nova personagem assolou o imaginário dos fãs no mundo inteiro. Sedentos por novas aventuras da mulher felina, os garotos queriam tê-la, e as garotas queriam ser como ela (Cólón, 2003), tendo em vista que estamos falando de um tipo de mulher que para os padrões da época, lembrando que estamos falando da década de 40-50, não era tão admirada, tampouco era encorajada entre as mulheres. Por conta disso, sua repercussão foi considerada problemática, o que acabou levando a personagem ao exílio em 1950 por meio do *Comic Code Authority*, um código de leis fundado com base no livro escrito pelo psiquiatra alemão Frederic Wertham, intitulado “Sedução dos Inocentes”. Esse código de leis, altamente moralista, fazia vista grossa quanto ao conteúdo dos quadrinhos, e obviamente a Mulher-Gato não era um bom exemplo para o público alvo das *Comic-Books*.

Uma total *Femme Fatale*, a Mulher-Gato sempre quebrou barreiras, e até mesmo alguns padrões, tanto nos quadrinhos quanto em suas adaptações para a televisão e cinema. Um exemplo disso é que na década de 60 (retorno da *Catwoman*) a personagem foi encarnada por Eartha Mae Kitt, uma atriz negra estadunidense de pouco destaque televisivo até então. Em uma entrevista dada para o especial do pré-lançamento do filme *Catwoman* (2004), Eartha Kitt afirma que “uma gata é uma gata e não tem raça, credo ou cor”. Embora fosse uma boa atriz para o papel, muitos dos telespectadores da época não gostaram de uma mulher-gato negra, assim a questão racial acabou falando mais alto, e a atriz acabou tendo que abandonar a personagem. A mulher gato não é necessariamente uma vilã, mas também não é uma heroína. É uma mulher, quase comum, que tem os seus dias bons e ruins (Colón, 2003). Ela é, simplesmente, uma

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação do curso de Letras – Português, da Universidade Federal de Goiás – igornilton@gmail.com.

mulher que não precisa de um homem para salvá-la. Ela em si é tudo de que precisa. Nos quadrinhos é destacado o seu poder sobre o personagem *Batman*, e não vice-versa, como era de se esperar. Essa mudança de poder nas HQs ocorre em um período oportuno na história de luta das mulheres. Tendo em vista a que a Segunda Onda feminista emergiu em meados da década de 60, causando, a partir de então, uma efervescência no modo de pensar e na postura da mulher na sociedade, indagando sobre os papéis sociais, comportamentos, humores etc que são destinados às mulheres tendo como “justificativa” simplesmente o fato de “ser mulher”. É nesse contexto, por exemplo, que a teórica francesa Simone de Beauvoir (1980), considerada precursora da Segunda Onda, vai dizer que “não se nasce mulher: torna-se mulher” (p. 9). Por isso, nas décadas seguintes, as feministas vão escrever uma extensa bibliografia desconstruindo a naturalização dos corpos e contestando a norma de gênero enrijecida por meio da qual se atribui qualidades específicas à mulher – que, diga-se de passagem, são sempre, de uma forma ou de outra, inferiores àquelas atribuídas aos homens. A produção acadêmica das feministas é muito grande e impossível de abordar aqui por uma questão de espaço. Entretanto, ao citar um dos pressupostos do feminismo (o de contestar o essencialismo que o “ser mulher” carrega), já torna possível prosseguir no texto.

Um dos grandes problemas do paralelo que muitas vezes se estabelece entre a Mulher-Gato e feminismo é que o progresso – no sentido de quebrar a lógica normativa do contexto em que foi produzida – feito por ela é muito sutil, e muitas vezes superficial. Isso se deve ao fato de que a indústria dos quadrinhos é, e sempre foi, dominada por homens. Entretanto, apesar desse controle dos quadrinhos por homens, é válido destacar que a personagem já foi roteirizada três vezes por mulheres, mas, em contrapartida, todos os desenhistas eram homens. E o grande problema de se ter apenas homens desenhando as personagens é a padronização que ocorre da figura feminina, e a partir disso uma barreira que não permite a valorização de mulheres diferentes que são presentes no nosso cotidiano. Temos então um modelo dominante, um modelo de mulher erótica. Os resultados são mulheres magras, com corpo atlético, seios grandes e pernas volumosas. É criado um padrão de beleza feminino estereotipado. Laura Mulvey, em seu livro *Visual Pleasure and Narrative Cinema*, mostra como a imagem feminina pode ser deturpada por conta de um olhar masculino, reduzindo o corpo da mulher a um objeto modelado de acordo com a própria vontade.

Apesar de ser uma personagem poderosa, muito de seu potencial encontra-se em seu corpo. Dessa forma temos, por exemplo, *Batman* como um personagem altruísta, forte e inteligente. Há também o Coringa (*the Joker*), que apesar de ser um vilão, é brilhante em seus planos para destruir Gotham City, e essa é uma característica que o torna, também, muito inteligente. No caso de Selina Kyle, nem sempre o poder está nela em si, mas na fraqueza que suas curvas causam nos homens, e essa acaba tornando-se uma de suas características enquanto personagem. Entretanto, Mulher-Gato não é apenas curvas. É uma personagem que busca liberdade, e a valoriza de uma maneira incomensurável; é uma mulher que não vê barreiras para expressar sua sexualidade e as suas vontades. E se há uma personagem nos quadrinhos que tem permissão de expressar sua sexualidade, essa é com certeza a Mulher-Gato. No contexto cultural ocidental no qual a Mulher-Gato foi produzida, espera(va)-se da mulher atitudes passivas, submissas, enquanto que para os homens é esperado uma postura mais agressiva, mais relacionada ao ato de dominação.

Com o passar do tempo, foi-se discutindo mais sobre as artificialidades dessas construções sociais de sexo e gênero e, a partir disso, expondo-se novas idéias e tecendo novas teorias acerca de características nem um pouco naturais dos seres humanos. A

antropóloga estadunidense Gayle Rubin (1975) foi uma das teóricas que mais fervorosamente defendeu a separação entre aquilo que é natural (ou seja, que está no plano da biologia) e aquilo que é social, cultural (que está no plano das construções), ao elaborar o famoso sistema sexo/gênero. Algumas outras teóricas, mais à frente, como por exemplo Joan Scott (1995) e Judith Butler (2010) vão mais além e contestam até mesmo o caráter natural do “sexo”. Butler diz, por exemplo, que a ideia que determinada sociedade tem sobre o “sexo” está inserida dentro de discursos que fazem o mesmo ser válido. A discussão é longa, mas tudo isso serve para entendermos o seguinte: os meios de comunicação, os produtos culturais etc estão inseridos dentro de um contexto e, portanto, vão emitir valores e “verdades”. O modo como a Mulher-Gato é representada hoje em dia é muito distante daquela dona de casa que vivia para cuidar do marido e dos filhos, entretanto, infelizmente, essa Mulher-Gato ainda é definida, como a maioria das outras personagens femininas dos quadrinhos, através de suas roupas, seu corpo, e de sua erotização. Ou seja: podemos dizer que a Mulher-Gato é uma personagem que representa os ideais feministas? Com certeza. Entretanto, é preciso ter em mente que, ainda assim, ela é um produto cultural criado por homens e, portanto, não seria muito radical afirmar que ela nasceu para ser não mais que um objeto de excitação. Para isso é só manter um cuidado especial no que diz respeito à linha tênue entre o feminismo e o fetichismo apresentado pela personagem. Enfim, são essas as principais ideias que nortearão o trabalho que está aqui sendo proposto.

### **Referências Bibliográficas**

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIBE-LUYTEN, Sonia. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed, 2010.

Catwoman: The Many Faces of. Direção: Jeffrey Lerner. Produção: Jeffrey Lerner. Intérpretes: Eartha Kitt; Suzan Colón; Alex Ross; Julie Newmar; Michelle Pfeiffer e outros. Roteiro: Jeffrey Lerner. USA: Warner Brothers, 2003.

COLÓN, Suzan. *Catwoman: The Life and Times of a Feline Fatale*. Chronicle Books, 2003.

MULVEY, Laura. “Visual Pleasure and Narrative Cinema.” *Film Theory and Criticism: Introductory Readings*. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York: Oxford UP, 1999: 833-44.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy of Sex”*. In: REITER, Rayna. *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, 1995